

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

Entrevistado: José Henrique Mota Barbosa

Município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais

Junho, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. Devoção ao Rosário e conhecimento aurífero dos escravos: a história de Minas Novas – Entrevista de Cesário de Souza e Teonília Moreira Vieira. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

Devoção ao Rosário e conhecimento aurífero dos escravos: a história de Minas Novas

A história de nascimento e estruturação de Minas Novas não pode ser contada sem a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Foi a partir dela que o município se desenvolveu, sendo credenciado rapidamente e passando de arraial para vila, tal potencial de riquezas que a região tinha, e depois a denominação de Minas Novas.

Se os bandeirantes paulistas iniciaram o povoado, foram os negros bantos trazidos da África que potencializaram a mineração do ouro e a espiritualidade do Rosário, conhecimento e devoção que já traziam de seu continente de origem. Segundo José Henrique Mota Barbosa, provedor da Irmandade do Rosário, em Minas Novas, “os portugueses ficaram dois séculos aqui, ou mais, pisando no ouro sem saber que existia. Depois, os bandeirantes paulistas vieram para cá e trouxeram os escravos africanos que já mineravam em sua terra de origem; eram mestres”, consolidando a prosperidade aurífera da região.

Esses novos habitantes também trouxeram a devoção à Nossa Senhora do Rosário e fortaleceram a Irmandade. A lei imperial vigente determinava que, sem uma confraria, não era possível criar uma vila, já que vivíamos o período do padroado. “A Igreja era o Estado, e o Estado era a Igreja”, lembra Barbosa. Apesar de outras duas irmandades terem se desenvolvido na cidade, apenas a do Rosário permaneceu forte e foi responsável pela consolidação do desenvolvimento da região, e isso graças à espiritualidade vinda dos trabalhadores africanos. Um legado importante e nem sempre reconhecido, ainda hoje.

O que é a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e qual o significado dela?

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos funciona como todas as outras confrarias de Minas Gerais. Minas Novas é a nona vila do ciclo do ouro e, com a descoberta de Bom Sucesso, com a vinda de muitas pessoas para esta região, logo se

formou um arraial. Ao se formar um arraial, que recebeu o nome de Nossa Senhora do Bom Sucesso São Pedro Fanado do Araçuaí, logo em seguida, muito rápido, se formou a Vila do Fanado. E para ser tornar vila era preciso ter, ao menos, uma confraria, era uma determinação do governo português, do império, já que vivíamos o período do padroado. A igreja era o Estado e o Estado era a Igreja. Significa que a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, por certo, foi a primeira a ser criada no arraial das Minas Novas, porque já trazia uma tradição da África.

Muito antes já havia a evangelização da Igreja Católica na África pelos dominicanos. Essa evangelização trouxe, nas caravelas, nos navios negreiros, uma população que já tinha a tradição do Rosário. Aqui, especificamente, se você for ouvir o tambor soando, vai perceber duas palavras que são do dialeto banto, “tolete calunga”, que é quando vai se entrar na roda, e “quenda”, que significa “vamos em frente, vamos seguir, vamos embora”. Essas duas palavras que eles ainda usam nas interações do tambor são de origem banto¹. Existia calunga menor e a calunga maior. A calunga maior significa o mar, a grande divindade que eles iam enfrentar, o mar gigantesco. Então, eles teriam que louvar a calunga maior. E a calunga menor era a morte, mas não a morte no sentido ocidental, do medo, não, mas a morte como companheira do homem, aquela que tira a dor. Essas eram as duas entidades da religião africana que eles trouxeram para o Brasil.

Através de estudos, buscando aqui e ali, a gente tem a certeza mesmo do que aconteceu. Por exemplo, em Ouro Preto, em Cachoeira do Campo, que foi a primeira irmandade negra de Minas Gerais, nasceu em 1711. Se tirarmos conclusões nesse sentido, a gente sabe que a irmandade aqui foi fundada pelos bantos, que era uma etnia profundamente religiosa. Eram agricultores profundos conhecedores de ervas medicinais, e, sobretudo, talvez, a etnia mais religiosa da África. Vieram para cá já doutrinados, e aí a necessidade de se ter uma irmandade, a necessidade de se ter uma confraria para criar-se a vila. É provável que tenha sido a primeira. Explico: tivemos aqui três irmandades. Descobrimos através de documentos históricos que tivemos a Ordem Terceira de São Francisco, a Irmandade de Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, sendo que as duas

¹ Grupo etnolinguístico de povos distribuídos entre a África equatorial e austral, ou África subsaariana. O termo é também usado para o indivíduo trazido como escravo para o Brasil e que pertencem a esse grupo linguístico, de regiões como Congo, Angola, Moçambique e Benguela, entre outras. Fonte: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#3> e <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bantus>

primeiras se extinguíram, mas, na cronologia de alguns estudiosos, ela vem em primeiro lugar.

Tem uma professora de Ouro Preto que elaborou uma tese sobre a ligação dos leigos nas vilas, as irmandades leigas nas vilas de ouro. Ela aborda, por exemplo, Minas Novas, Bom Sucesso das Minas Novas como Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Ordem Terceira de São Francisco e Irmandade de Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos. Então, essa irmandade nasceu com a vila, nos primórdios da vila, e foi sobrevivendo até que, em 1810, houve um primeiro registro da irmandade. E provavelmente por um motivo: em 1808 a Família Real vem para o Brasil, e nós estamos em pleno regime de padroado.

O rei, no caso, Dom João, determina que haja um senso em todas as paróquias e dioceses do país. Não havia essa sociedade civil que há hoje, então, era a Igreja que batizava, fazia o registro de nascimento do cidadão, era a Igreja que enterrava, havia a guia de enterramento, a Igreja casava, havia a certidão de casamento, também era ela quem distribuía as terras, a sesmaria. Todos os movimentos sociais daquela época estavam colados na Igreja. Você não podia exercer qualquer atividade dentro de uma vila se não pertencesse a uma irmandade. E, fora isso, para você ser aceito numa sociedade, você teria que se converter ao cristianismo.

Aqui proliferou o número de cristãos novos, porque se convertiam. Inclusive o caso do Fanado. Augusto de Lima Junior, um grande historiador mineiro e brasileiro, num livro em que ele fala sobre as minas de ouro e diamante, nas Minas Gerais, ele cita que a Vila do Fanado não diz respeito ao fanado, e nem diz respeito, como o pessoal daqui fala, ao falhado. Ele diz literalmente que lá havia um cristão novo de alcunha Farias, que alcançou grande poder aqui na região, inclusive se tornou Barão de Minas Novas, e que ele era amigo da coroa portuguesa, que, por sua vez, deu para ele o direito de minerar o antigo rio Araçá, como os índios chamavam o fanado, da cabeceira à foz. Ele escreve para um padre, que tomava conta dos negócios dele no Serro, que o rio Araçá dava um ouro fino, mas às burras, ou seja, muito ouro. Então, tudo aqui tem fanado no meio, na assinatura de Araçuaí, como rio do Fanado, Vila do Fanado, mas não por causa do fanado, mas porque o grande acontecimento aurífero aqui foi a descoberta de Bom Sucesso.

O fanado dava um ouro fino, e muito. Mas quando descobriram aqui era mata fechada e tinham os índios, os botocudos², que eram temíveis aqui na região e que só foram pacificados anos depois, por Teófilo Otoni. Então, o que aconteceu, quando chegaram aqui era como chegar no eldorado, o ouro lavado há milhares de anos sem que os nativos da região se interessassem. Os índios desconheciam e não tinham apego ao ouro, como, por exemplo, os astecas no Peru. Eles não tinham esse apego, não havia rituais que envolvesse ouro. E para os portugueses a primeira cata foi na mão, e muito ouro, então, foi a descoberto do Bom Sucesso. Da descoberta do Bom Sucesso nasceu o arraial; em menos de três anos nasce uma vila, que era uma coisa espetacular para a época. Porque a vila só poderia existir por determinação do rei. Era o máximo onde um lugarejo poderia chegar.

Isso significa que a irmandade está intrinsecamente relacionada com tudo isso. Afinal, vieram os negros que sabiam muito mais de ouro que os portugueses. Porque os portugueses ficaram dois séculos aqui, ou mais, pisando no ouro sem saber que existia. Aí chegam os paulistas, os bandeirantes, e entram para as Minas de São Paulo, como chamava Minas Gerais. Porque, na verdade, a gente nasceu da atitude dos paulistas que entraram para os sertões.

Enfim, depois disso, os negros vêm em proporção muito maior para cá, e lembrando que na África eles já mineravam, eles entendiam plenamente de ouro, eram mestres. Inclusive, eram muito bem tratados os “escravos de mina”, porque o senhor queria produzir cada vez mais riqueza e não maltratava tanto os negros. Ele queria rendimento. Tanto que a Irmandade de Nossa Senhora dos Homens Pretos nasce e se estrutura; as outras desaparecem. Por exemplo, a Ordem Terceira de São Francisco, mesmo sendo uma potência, há relatos de que houve uma certa reprimenda da Igreja em relação a essa ordem.

² Denominação genérica dada pelos colonizadores portugueses a grupos de diversas filiações indígenas, de diversas regiões, embora principalmente entre os estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. O termo veio por conta dos botoques labiais e auriculares que esse grupo de indígena tinha costuma de adotar. Como habitavam áreas consideradas estratégicas pelos colonizadores, foram muito perseguidos e atacados, tanto pela coroa portuguesa como por outras tribos indígenas. Fontes: <http://ifesbotocudos.blogspot.com.br/> e <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#5>

Mas Minas Novas tem um problema sério de documentação dentro da Igreja. De 1912 para trás não se tem documento nenhum, todos desapareceram. Aqui respondia como diocese por toda essa região, que ia do limite diamantífero até o sul da Bahia. Além da comarca do Jequitinhonha, que é muito antiga. Minas Novas era denominada comarca do Jequitinhonha, depois que surgiu a comarca de Minas Novas. Mas a comarca do Jequitinhonha era gigantesca, ela tinha o tamanho de um estado, de um país. Então essa questão dessas irmandades terem desaparecido, ou por questões políticas da própria Igreja ou outras questões, é o seguinte: a irmandade do Rosário se firmou o tempo todo, porque ela congregou desde sempre todos.

Existe uma tradição aqui que é a seguinte, nem sempre acontece, mas coincide. Quando o rei é branco, a rainha tem que ser negra; quando a rainha é negra, o rei é branco. Isso num fundamento de irmandade, para que se conviva harmoniosamente. Minas Novas é uma cidade mestiça. Diferente de outros polos que se formaram por aí, ela é uma cidade mestiça. Por isso ela tem essa tradição de festas. Nós temos um Carnaval, desde sempre, desde a época do entrudo³. As pessoas vêm, procuram. Você tem outras festas tradicionais que acontecem. Por exemplo, no mês de junho aconteceu a Festa do Divino⁴, há pouco tempo, mas com muita participação popular. Nunca houve assim uma separação real aqui. As famílias são, graças a Deus, muito misturadas. De maneira geral, nós somos mestiços, a cidade inteira.

Então, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário sobreviveu a tudo isso. Primeiro, porque ela preservou os ritos tradicionais, já foram feitas várias tentativas de mudar os dias da festa, mas a data aqui é fixa porque a própria irmandade aprovou isso em plebiscito. Foi realizado um plebiscito com votações aqui e em Belo Horizonte, para os minas-novenses que moram lá e que são irmãos do Rosário, e deu que a festa deve permanecer nos mesmos dias para não se tornar comercial. E isso mantém os ritos.

³ São brincadeiras populares de rua introduzidas pelos portugueses por volta do século XVI, durante os três dias que precedem a entrada da Quaresma. A palavra especificamente era usada para os bonecos gigantes, feitos de madeira e tecido, que faziam parte do Carnaval português desde a Idade Média.

Fonte: <http://www.suapesquisa.com/carnaval/entrudo.htm> e <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#6>

⁴ Originada em Portugal, no século XIV, comemora a descida do Espírito Santo sobre os doze apóstolos, embora no Brasil se misturam manifestações religiosas e profanas. A comemoração costuma acontecer cinquenta dias após o domingo de Páscoa, mas varia um pouco de região para região. O principal símbolo da comemoração é a pomba branca, que representa o Divino Espírito Santo. Fonte: Site UOL Educação. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/festa-do-divino-comemoracao-tem-sete-seculos-de-existencia.htm> e <http://escola.britannica.com.br/article/483241/Festa-do-Divino>

A importância da irmandade nesse sentido é que ela envolve a fé, a parte cultural e até mesmo a parte comercial, já que mexe com o comércio da cidade. Vem muita gente para a cidade. Existe uma tradição das pessoas aqui de pintarem, reformarem a casa para receber seus hóspedes, os parentes que vêm de longe. De comprar roupas novas, isso tudo é uma tradição.

Na verdade, 200 anos tem o registro da festa, a partir do pedido de Dom João, em 1808. Foi quando o enviado do arcebispado da Bahia visitou paróquia por paróquia, e chegou aqui num dia de festa de Nossa Senhora do Rosário. Então ele registra essa festa para o arcebispado da Bahia. O primeiro registro da festa é de 1810, exatamente dois anos depois que a Família Real chegou ao Brasil. Porque havia um senso, o rei queria saber a quantas andava a Colônia, e só poderia saber disso através das igrejas, da sacristia, das paróquias, dioceses. Porque a vida civil passava pelas sacristias, passava pela Igreja. Então, em 1810 é feito o primeiro registro dela.

E já existia antes?

Já existia antes. Ela vem da fundação da cidade, ou melhor, da fundação da vila. Ela é classificada assim nessa ordem por vários historiadores, Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, Ordem Terceira de São Francisco e Irmandade de Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos, que foram as duas que desapareceram. A Irmandade do Santíssimo, por exemplo, que muita gente confunde, foi fundada por um grande benfeitor de Minas Novas, um pernambucano chamado Dr. Martiliano. Quando ele veio para cá, ele fundou a Escola Normal, ele era promotor de justiça. Além da Escola Normal, cria a Conferência de São Vicente, a Casa de Caridade e a Irmandade do Santíssimo Sacramento, que já é uma irmandade mais nova. Ele vem para cá no final do século XIX. Ele também traz para cá o frevo. As bandas de música da cidade executam o frevo aqui a partir das primeiras partituras que o Dr. Martiliano trouxe.

Mas o fato é que as pessoas confundem muito, porque falam sobre a Irmandade do Santíssimo ter sido a primeira. Mas não. A Irmandade primeira, que foi reconhecida para a fundação da vila, é a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Essa sim é a primeira irmandade, mesmo por conta da necessidade de que havia na lei imperial, do governo português, que dizia “sem uma confraria não tem como criar

uma vila”, como havia dito. Então pode ter tudo, pode estar dando ouro para danar, pode ter crescido e tal, mas ter uma confraria era um dos quesitos para se tornar vila.

Como é a formação da Irmandade atualmente, quem são as pessoas que compõem a irmandade? Qual a estrutura hierárquica?

Nós temos uma diretoria formada por provedor, vice-provedor e tesoureiro, que cuida das finanças da irmandade, vice-tesoureiro, escrivão e 2º escrivão, além do procurador. Tem os conselhos de irmãos que também participam, porque a festa é grande e precisamos ter vários grupos. Então, tem a comissão de festa e a comissão de liturgia. Essa comissão de festa cuida de muitas coisas. E, diferentemente de outras irmandades, o congado de São Benedito pertence à Irmandade de Nossas Senhora do Rosário, porque todos que estão ali no congado são irmãos do Rosário também.

Você tem a guarda de honra da Irmandade, que é um outro grupo. Essa guarda pertence à irmandade também, e a irmandade cuida dela como se fosse uma guarda mesmo, já que antigamente, quando o cofre saía, não existia banco, e saía com tudo dentro, joias, doações, para ir para a igreja e demonstrar para os irmãos que estava tudo lá. Depois voltava cheio de moedas, pagamentos dos anuários, para a casa do tesoureiro. Então, a guarda da irmandade, além de abrir caminho, ela guardava o cofre com as tais armas do Rosário, que é o pontão e a espada. Você tem a guarda, tem o tambor do Rosário, o candombe, todos pertencem à irmandade. A Irmandade não tem grupos isolados que vão e participam da festa. Na festa você convida vários grupos de fora que vêm e participam. Mas esses grupos aí estão inseridos dentro do conceito da irmandade, porque todos eles são irmãos do Rosário. Ou seja, tem lá seu nome escrito no livro dos irmãos.